



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM LETRAS –
LÍNGUA PORTUGUESA**

NÍSIA REBECA MELO SILVA

**A AMBIGUIDADE LEXICAL NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE:
polissemia e homonímia**

CAMPINA GRANDE – PB
2016

NÍSIA REBECA MELO SILVA

**A AMBIGUIDADE LEXICAL NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE:
polissemia e homonímia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Dalva Lobão Assis

CAMPINA GRANDE – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Nisia Rebeca Melo

A ambiguidade lexical no gênero textual charge [manuscrito] :
polissemia e homonímia / Nisia Rebeca Melo Silva. - 2016.
22 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

*Orientação: Profa. Dra. Dalva Lobão Assis, Departamento
de Letras e Artes*.

1. Linguística 2. Semântica Enunciativa 3. Ambiguidade
Lexical 4. Charge I. Título.

21. ed. CDD 410

NÍSIA REBECA MELO SILVA

**A AMBIGUIDADE LEXICAL NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE:
polissemia e homonímia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em 05/05/2016.

Dalva Lobão Assis

Prof.^aDr.^a Dalva Lobão Assis
Orientadora

Iara Francisca Araújo Cavalcante

Prof.^aDr.^a Iara Francisca Araújo Cavalcante
Examinadora

Raniere M.B. de G.

Prof. Esp. Raniere Machado
Examinador

Média: 9,0 (Nove)

A AMBIGUIDADE LEXICAL NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE: polissemia e homonímia

SILVA, Nísia Rebeca Melo¹

RESUMO

Os estudos sobre a Semântica Enunciativa nas últimas décadas vem ganhando mais importância no meio linguístico, uma vez que muitos estudiosos se propuseram a relacionar o fenômeno da enunciação com outros fenômenos linguísticos. A partir da semântica da enunciação, iremos tratar da ambiguidade lexical, decorrente da polissemia e da homonímia, no gênero textual charge. Esse gênero, além de sua diversidade (jornais, blogs, livros), representa uma rica fonte de análise linguística nas mais variadas áreas, pois dentre suas características gerais encontra-se ironia, humor e crítica. A análise dos resultados nos mostrou que a ambiguidade em si não configura-se apenas num problema, vimos que dependendo da intenção, ela é fundamental na construção de sentidos no gênero textual em estudo. Fundamentamos esse estudo, entre outros, nos autores Guimarães (2002), Marcuschi (2005), Ullmann (1964), Fiorin (2009), Bidermam (1978), Pietroforte (2007).

PALAVRAS-CHAVES: Semântica Enunciativa. Ambiguidade Lexical. Charge.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o fenômeno da Ambiguidade Lexical no gênero charge. Neste estudo, buscaremos refletir sobre o papel da Polissemia e da Homonímia para a construção da ambiguidade em charges políticas, considerando sua estrutura e intencionalidade. Com base na Semântica Enunciativa, mostraremos que a ambiguidade pode ser explicada a partir do conceito de polissemia, em que um mesmo enunciado pode constituir um leque de significados diferentes, mas relacionados, tendo em vista o efeito de sentido que a ambiguidade pode ter no gênero textual em foco.

A pesquisa torna-se relevante, pois a Ambiguidade Lexical em charges políticas é frequente, levando-nos a acreditar que este gênero é marcadamente ambíguo, para cumprir com sua função comunicativa, qual seja a de criticar ou satirizar um

¹ Aluna da Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, campus, I. Email: nrebecamelosilva@gmail.com.

determinado contexto sócio-político brasileiro. As charges em geral utilizam a linguagem verbal e a visual para passar sua mensagem ao leitor, trazendo assuntos atuais de maneira irônica e bem humorada. Neste caso, observamos a maior incidência de ambiguidades lexicais, tendo em vista que os chargistas parecem lançar mão desse recurso semântico da linguagem para chamar a atenção de seus leitores, os quais interpretam as charges, ressignificando-as, acionando os possíveis sentidos que atravessam esse gênero textual.

O método que utilizamos para a realização dessa pesquisa é qualitativo, uma vez que baseamos nossos estudos em leituras e análises realizadas sobre a ambiguidade lexical e seus tipos, a linguagem irônica e humorística presente nas charges estudadas, bem como o exame de algumas charges que foram extraídas de sites da internet, por meio de uma seleção aleatória, mas que se deu em função do recorrente assunto político que vivemos no Brasil. Para análise de dados, selecionamos seis charges políticas, essa escolha se deu mediante o contexto atual do país, assim como a diversidade deste gênero e sua considerável produção em sites da internet diariamente.

Num primeiro momento, exporemos todo embasamento teórico utilizado, ressaltando as principais contribuições acerca dos estudos. Além do que, mostraremos a relação da ambiguidade com o gênero textual abordado, assim como suas definições. Ainda neste estudo faremos a diferenciação da polissemia e homonímia, apresentando exemplos para uma maior compreensão dessa temática linguística. Por conseguinte, analisaremos o gênero charge, de modo a abordar sua linguagem, características e seu propósito comunicativo enquanto texto que prima pela persuasão do leitor para obter humor e posicionamento crítico sobre determinado assunto.

Dessa maneira, adotamos como fundamentação teórica essencial no estudo da Semântica da Enunciação, ambiguidade lexical e da charge, as contribuições de Benveniste (1989); Pietroforte (2007); Cançado (2008); Eduardo Guimarães (2002); Ducrot (1988); Romualdo (2000); Dias (2009); Bechara (2004); Teixeira (2010).

2. REFERENCIAL TEORICO

2.1 Semântica Enunciativa: princípios básicos

Os estudos acerca da significação sempre foram tardios, principalmente aqui no Brasil. A atenção, podemos assim dizer, era direcionada ao estudo da língua padrão,

priorizando as regras gramaticais. No entanto, esta realidade vem mudando há décadas, e hoje temos pesquisas relevantes nesta área. Para termos a noção de sentido, ou significação, a semântica apropriou-se das exclusões saussurianas: a do sujeito, a do objeto, a da história. A análise da significação não é mais o signo, mas o eixo das relações sintagmáticas que ele pode estabelecer.

Sobre o corte saussuriano, em Guimarães (2002, p.19) temos “é a culminância bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso interno: a linguagem expressa o pensamento”. É na tentativa de “repor estes aspectos no seu objeto” que a semântica enunciativa vem trabalhando e estudiosos como: Bréal, Grice, Austin, Benveniste, Pêcheux e Orlandi estão sendo considerados por Eduardo Guimarães.

Benveniste (1989) defende que a semântica enunciativa se dá no momento em que o sujeito se apropria linguisticamente, colocando-a para funcionar. Já Pêcheux e Orlandi, autores da Análise do Discurso (apud Guimarães, 2002) traz para estudos a contribuição do interdiscurso, em que a história referida não é aquela em que temos fatos históricos, cronológicos, marcados pelo processo temporal, mas uma história dos discursos, onde o ato acontece de maneira “inconsciente”, referindo por coisas que já foram referidas em algum momento por outros. É nesta perspectiva que os estudiosos defendem a enunciação co-relacionada aos cortes saussurianos, e estabelece significação no momento de interpretação dos discursos, nos seus mais variados gêneros. Incluindo o falante na significação, Benveniste funda uma linha teórica que possui ramificações bastante diferentes entre si e uma dessas ramificações é a Semântica Enunciativa.

Para Dias (2009, p.1), a enunciação “opera-se nessa passagem da possibilidade da língua para uma instanciação discursiva dela” Assim, falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade (DUCROT, 1988, p.14). Em palavras simples, não falamos sobre o mundo, falamos para construir um mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pelas e nas interlocuções. É com esta linha de pensamento que consideramos relevante o estudo das charges, visto que o gênero é formado por enunciados e expressões que fazem com que o leitor entre num jogo discursivo.

A proposta de enunciação de Benveniste (1989) e a de Guimarães (2002) têm coincidências na forma linguística. Existe uma polissemia produzida por uma memória discursiva, pelo interdiscurso. E na polissemia, segundo Orlandi (2001, p. 36), “o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco”.

Nos estudos mais recentes, encontramos Guimarães (2002) como defensor da semântica da enunciação, suas teses de mestrado e doutorado abordam a enunciação de maneira profunda. Guimarães aborda antes da enunciação a argumentação semântica, ele fala que a semântica argumentativa possui a história e a ideologia como determinantes. Notamos também que, a base teórica da argumentação não é seu único objeto de estudo, ele parte do princípio da argumentação para abrir possibilidades de reflexão para a Semântica da Enunciação. Outro ponto que Guimarães também aborda é a análise de discurso como fundamental na constituição da enunciação. Assim, não podemos negar que foi a partir da semântica argumentativa que foi possível termos a semântica da enunciação.

Vale salientarmos que os estudos de Guimarães não estão nas palavras, mas na história. É a partir desta visão que vemos a enunciação como parte da ambiguidade estudada, onde as palavras significam e re-significam conforme o tempo, o contexto.

Outro autor que faz ligação da ambiguidade com o enunciado é Le Goffic (1981, apud CUMPRI, 2012), que é um dos que se propuseram a estudar sobre a questão da ambiguidade da linguagem, tendo como uma de suas grandes preocupações a definição do que seria um enunciado ambíguo, o levando a considerar dois modos para enxergar a ambiguidade: como uma propriedade específica de um enunciado ou como um momento da interpretação de um enunciado, como veremos no tópico a seguir.

2.2 A ambiguidade: conceitos

A utilização de termos ambíguos em enunciados está cada dia mais presente, tanto na modalidade oral quanto na escrita da língua. Em alguns gêneros específicos, como textos humorísticos ou publicitários, nestes textos ela torna-se recurso produtivo na construção de efeito de sentido desejado. A ambiguidade caracteriza-se pela construção de enunciados que possuem mais de um sentido.

Segundo Fiorin (2009), temos a ambiguidade com origem no fato de que a frase pode ter uma estrutura sintática propensa de várias interpretações, ou seja, a ambiguidade é gerada através das diferentes possibilidades de reorganizar as sentenças, possibilitando a ocorrência de diferentes estruturas sintáticas na mesma sentença. Notamos que para este autor a ambiguidade tende para a gramática formal.

O fenômeno da ambiguidade vale salientar, existe para o receptor da mensagem, uma vez que para seu emissor a mensagem não é de forma alguma ambígua. O emissor

da mensagem sabe exatamente qual é o seu referente, o seu conteúdo e o seu propósito; a interpretação da mensagem pelo destinatário é que ocasiona a ambiguidade.

Na ambiguidade, o contexto tem a função de selecionar qual dos possíveis sentidos será utilizado, só nos interessa aqui, às ambiguidades denominadas lexicais, isto é, ambiguidades que são geradas pelos itens lexicais². Entretanto, existem ainda, nas línguas, várias outras fontes geradoras de ambiguidades.

Segundo Ullmann (1964), linguisticamente, existem três tipos de ambiguidade: fonética, gramatical e lexical. Sobre a ambiguidade fonética ele afirma:

É uma vez que a unidade acústica da linguagem seguida é o grupo pronunciado sem interrupção, e não a palavra individual, pode acontecer que dois daqueles grupos formados por palavras diferentes se tornem homônimos e assim potencialmente ambíguos (ULLMANN, 1964, p.323-324).

Sobre a ambiguidade gramatical ele defende que pode ser originada de dois modos: (a) pela ambiguidade de formas gramaticais e/ou (b) pela ambiguidade da estrutura da frase. Em (a) temos o caso de prefixos e sufixos que possuem mais de um significado e, por isso, são ambíguos ou aqueles que são, por natureza, homônimos:

Osufixo-able não significa a mesma coisa em desirable [desejável] ou readable [legível] que em eatable [comestível], knowable [conhecível], debatable [debatível] (...) O prefixo in-, que significa "em, dentro de, em direção a, sobre" (por exemplo indent [entalhe], inborn [inerente], inbreeding [engendrar], inflame [inflamar]), tem um homônimo no prefixo in- que exprime negação ou privação (por exemplo inappropriate [inapropriado], inexperienced [inexperiente], inconclusive [inconclusivo]). (ULLMANN, 1964, p.324)

Temos a possibilidade em (b) da ambiguidade por meio da "frase equívoca (anfibologia)" como nomeia Ullmann. Aqui, a combinação de palavras que não são ambíguas possibilita a interpretação de um modo diferente da frase.

O autor também trata da ambiguidade lexical como um dos fatores mais importantes dentre os fatores de ambiguidade presentes na língua. Com efeito, a

² Segundo Vygotsky (1962) o significado de um item lexical numa língua muda através do tempo e este processo geral ocorre na aquisição do significado de um item lexical. Neste caso, estamos enfocando a palavra que carrega mais significação nos estudos ambíguos que teremos adiante.

"polivalência das palavras", utilizando o termo de Ullmann (1964), assume duas formas diferentes: a polissemia e a homonímia.

Para esse autor (1964:354), a polissemia pode levar à ambiguidade em três situações diferentes: (a) no contato entre as línguas, (b) no uso técnico e científico e (c) na fala vulgar. Em (a), a ambiguidade é ocasionada pelo empréstimo semântico de uma língua estrangeira, que leva à polissemia de uma palavra; em (b) a reutilização de termos que já foram definidos com precisão, implica em novas definições do mesmo termo, levando-o a desenvolver mais de um sentido, pois muitos termos mudam o seu significado com a passagem temporal. Em (c), a ambiguidade é ocasionada quando uma palavra produz mais de um sentido em um mesmo contexto.

Dias da Silva (1996, p.102), traz a ambiguidade em duas formas linguísticas: local ou global: "a ambiguidade é global quando toda a sequência de palavras, que compõem a frase, projeta mais de uma estrutura oracional gramaticalmente bem-formada potencial". A ambiguidade passa a ser local "quando apenas partes da sequência de palavras que integram a frase projetam estruturas gramaticalmente bem formadas. Por exemplo, a frase A empresa que comprou a Universal vendeu a Borland poderia ser erroneamente analisada pela máquina como A Universal vendeu a Borland" (Dias da Silva 1996, p.105).

Encerrando, a ambiguidade atua como um artifício estilístico, e sendo intencional, em textos diversos: literários, poéticos, publicitários, fraseologias, provérbios, expressões idiomáticas, etc. Sendo assim, a polissemia e a homonímia definidas como fenômenos produtivos de jogos de palavras que enriquecem o conteúdo textual, revelando-se uma rica expressão linguística.

Dessa forma, a ambiguidade estudada aqui se concentra naquela que tem como objeto de estudo o enunciado e sua relação com o externo, ou seja, a história, o social, o produtor textual e os leitores no momento de construção de sentido. Trataremos da ambiguidade lexical, contudo numa perspectiva enunciativa do texto.

2.3 A ambiguidade lexical: polissemia e homonímia

O tipo de ambiguidade mais comum nas charges é a ambiguidade lexical, na qual um morfema pode assumir vários sentidos. Segundo Pinkal (1995, apud OLIVAN, 2009, p. 52), a ambiguidade é lexical quando um termo possui duplo sentido, provocando mais de uma interpretação do enunciado, o que pode ocorrer com os casos

de homonímia (manga “fruta” vs. Manga “parte de vestuário”) e de polissemia (universidade “local” vs. universidade “instituição”).

Este tipo de ambiguidade divide-se em duas categorias: polissemia e homonímia.

Temos, portando, a homonímia – mesma grafia ou pronúncia por vários sentidos – e a polissemia – vários significados para uma palavra. “A polissemia – ou seja, multiplicidade de sentidos – contribui para a ambiguidade, fazendo o jogo programado do sentido de modo a permitir várias leituras de um texto. [...] É o mesmo que sentidos múltiplos: a um plano de expressão correspondem vários planos de conteúdo” (CARVALHO, 2006, p. 59).

No que diz respeito à polissemia, Biderman (1991) a trata como sendo:

Um fenômeno que ocorre no interior das redes de significação do léxico geral da língua comum, em virtude da economia linguística, com o reaproveitamento frequente de um certo número de lexemas no processo de comunicação. A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a frequência de muitas unidades lexicais gerando a polissemia. (1991, p. 283-284)

Biderman (1991) ainda estabelece uma relação entre o uso frequente da palavra e a polissemia, pois palavras de uso frequente tendem a ser polissêmicas. De maneira simples, a polissemia atribui mais de um significado a palavra, mas esses significados devem estabelecer uma relação entre si. Acompanhe os exemplos:

- (1) Maria conheceu a universidade.
- (2) A mesa redonda optou por anular a reunião.

Em (1) a palavra *universidade* assume tanto o sentido de lugar, quanto das pessoas que estão na instituição, sendo assim, poderíamos entender que ela conheceu a estrutura da universidade ou também os professores. Em (2) podemos ver a polissemia presente em *mesa redonda*, após leitura temos a seguinte questão: quem optou pela anulação? O enunciado nos dá margem para interpretar que o líder, diretor ou pessoa responsável por essa reunião a anulou. Ou que membros dessa mesa redonda em comum acordo o fizeram. Como veem são duas leituras possíveis, que com o contexto adequado deixam de ser ambíguas.

Ainda sobre a polissemia, Pietroforte e Lopes (2007, p.132) afirmam que a toda linguagem é polissêmica, já que os signos, por terem caráter arbitrário e terem ganhado valor nas relações com outros signos, sofrem mudanças de sentido em cada contexto

que for enunciado. Assim, a polissemia depende de onde os signos serão usados no que se refere ao contexto.

Sobre a homonímia Bidermam (1978, p.128) "homônimos são palavras que têm formas idênticas, mas que expressam conteúdos distintos. Em outras palavras: significantes idênticos se referem a significados diferentes". Veja abaixo:

(3) Qualquer canto está bom para Ana.

(4) Minhas amigas decoraram o show.

Em (3) a palavra *canto* pode ter as possíveis leituras: canto (lugar, esquina) ou canto (música, som). Observe que a origem dessas palavras não tem qualquer referência de sentido, tendo apenas a mesma grafia e som. Aqui, enquadra-se a homografia e homofonia, respectivamente. Em (4) a palavra *decoraram* nos traz duas leituras possíveis: a primeira no sentido de decoraram, como ornamentação, decoração do ambiente que houve o show. E a segunda no sentido de memória, ou seja, as pessoas que foram ao show não só o assistiram como também memorizaram tudo que aconteceu lá.

Para Dubois (1978, p. 326) “Homonímia é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois ou mais morfemas que não têm o mesmo sentido de um modo geral”.

Apesar de existir diversos conceitos a cerca da polissemia e da homonímia, ainda se tem dúvidas de fato do que seria cada recurso linguístico citado. Com base nesta dificuldade de diferenciação foram levantados outros mecanismos para “amenizar” as possíveis confusões. Para isso temos argumentações como a seguinte:

Sobre a dificuldade de especificar as diferenças entre a polissemia e a homonímia: (...) devemos concluir, (...) pela escassa possibilidade e pouca fundamentação existente para especificar suas diferenças com segurança. Em vista disso, preferimos optar pela perspectiva sincrônica, onde o uso em frases e as circunstâncias em que a palavra é utilizada determinam o seu significado, (...) É importante mencionar as circunstâncias em que a palavra é empregada, isto é, o contexto extralinguístico, pois nem sempre o contexto linguístico, a frase, é suficiente, por si só, para esclarecer o significado em jogo, com, por exemplo, no caso de ambiguidades. (REHEFLDT, 1980)

Bechara (2004) apresenta a homonímia e a polissemia como modificações semânticas da estrutura das unidades. Ele ressalta também a dificuldade de se distinguir

polissemia e homonímia. Contudo, para Bechara (2004, p. 402) a polissemia ocorre quando uma palavra (significante) tem mais de um significado unitário pertencente a campos semânticos distintos, de modo que cada um desses significados é preciso e determinado; o linguista ao invés de dar um conceito claro sobre homonímia, prefere estacar a necessidade de distinguirmos polissemia e homonímia, de um lado, e variação semântica (o que ele nomeia de sentido diverso das palavras num contexto específico), de outro. Este autor apresenta alguns critérios para distinguir polissemia de homonímia: critério histórico-etimológico, a consciência linguística do falante, critério das relações associativas e critério dos campos léxicos.

Não só Bechara como muitos outros autores, elaboraram meios para poder se distinguir polissemia de homonímia, entre eles temos Câmara Jr. (1985), que apresenta o critério da distribuição das formas. Assim, uma distribuição igual de formas em uma frase é sinal de polissemia, e uma distribuição diferente revela homonímia. Esse critério distintivo de Câmara Jr, em que prevalece um ponto de vista morfossintático, é contestável, pois o autor não considera casos de Homonímia Semântica, cuja distribuição de formas é a mesma.

Sandmann (1990) cita três critérios³ para a distinção desses fenômenos linguísticos: (a) o critério etimológico, (b) o critério semântico, e (c) o critério formal. Esta forma de distinção parece ser mais aceita, à medida que esses elementos linguísticos são mais abrangentes do que outros que consideram muitas vezes apenas um ponto de estudo.

2.4 O gênero textual charge: particularidades características

Vinculadas aos jornais e mídias a charge tem se tornado ferramenta cognitiva para análises linguísticas, seja de caráter literário ou prático em sala de aulas. A aceitação dos leitores é considerável, criando assim uma disseminação todo gênero em diversos locais, como sites, jornais, blogs, revistas e livros didáticos. Sua composição

³ (a) critério etimológico, que seria uma condição para a classificação de formas léxicas como homônimas. (b) o critério semântico, que segundo o autor, é problemático na medida em que torna-se difícil de se estabelecer a linha limítrofe entre dois conceitos, ou ainda, o grau de diferença entre eles para estarmos diante da homonímia ou da polissemia e (c) o critério formal, ou seja, a distribuição na frase: se uma unidade lexical puder ser classificada em diferentes classes de palavras, estaremos diante da homonímia; por sua vez, se a unidade lexical preencher somente uma mesma classe de palavras, será classificada como polissêmica.

se dá normalmente por um ou dois quadros, acompanhados por figuras conhecidas e o texto verbal.

A charge engloba o verbal e o não-verbal como reforçadores na produção dos efeitos de sentido. Focalizando frequentemente a política, a charge pode apresentar-se em um único quadro ou em mais cenas com escritas representando as falas dos personagens em balões ou até mesmo sem nenhuma representação da escrita, apenas a imagem falando por si mesma (TEIXEIRA, 2010, p. 96-97).

Bakhtin (2003) define a charge como um gênero discursivo que faz parte da esfera jornalística, organizado por elementos verbais e não-verbais. Tendo por função inicial provocar o humor e o riso, recursos para atrair o leitor para algo mais sério, revelado pela crítica que o chargista pretende veicular.

Trata-se de um gênero que corresponde a uma ação sociocultural, trazendo em sua constituição a ironia, o humor e a intertextualidade. Por ser um gênero dinâmico, bastante acessível aos leitores, seja em jornais impressos ou em vias eletrônicas, a charge vem ganhando maior visibilidade perante os leitores. Um dos fatos que colabora para isso é o de sabermos que na construção desse gênero utilizam-se personagens conhecidos, como figuras políticas, do esporte, da cultura que estejam envolvidas em algo polêmico e atual. O discurso direto, simples e na sua maioria coloquial também corrobora para uma aceitação e apreciação das charges.

Vale salientar que a charge não tem apenas um valor literário, com o passar das décadas temos encontrado diversas práticas de ensino que envolve este gênero, destacado por muitos autores como um gênero rico para aprendizado em sala de aula.

De acordo com os conceitos atuais para o ensino de Língua Portuguesa, que é propiciar aos educandos o maior número de gêneros textuais possíveis, a inclusão do texto chargístico, possibilitará aos mesmos ler além das aparências evidentes nos textos e perceber os sentidos implícitos, através da análise minuciosa deste tipo de discurso. (MOUCO, 2007, p. 06)

Ainda sobre sua importância, cabe falar que:

É importante destacar que a charge, além do seu caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico. (MOUCO, 2007, p. 31)

Romualdo (2000, p.5) salienta que:

A Charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.

Ainda sobre a definição de charges temos:

Charge: crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresenta-se tanto através de imagens quanto combinando imagem e texto. A charge absorve a caricatura em seu ambiente ilustrativo. (MOUCO, 2007, p. 05)

A charge surge a partir de um momento, de um assunto de cunho público, já existente, por meios de recursos verbais ou não-verbais, constituindo-se também de intertextualidade. A intertextualidade neste gênero ocorre desde sua produção, quando o autor compõe sua charge com elementos já ditos e vividos por outrem, até a interpretação do leitor, momento este que é necessário trazer recursos cognitivos diversos para compreender o discurso, passando a ter uma postura crítico-reflexiva em relação ao sentido atribuído a tal gênero. As charges, assim como todos os gêneros textuais, constituem “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos” (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Na leitura de deste gênero pode-se aplicar, segundo Koch (1995, p. 24) a “metáfora do iceberg: como este todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente”. De fato temos um texto curto, mas que conota uma vasta gama de interpretações por parte do leitor.

É neste sentido que o trato com o tema político no gênero, nos parece mais produtora para ilustrarmos os posicionamentos aqui defendidos.

3. DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Charge 1



Esta charge carrega a o fenômeno da ambiguidade lexical pela polissemia, o termo ambíguo em questão é a palavra *sistema*, pois esta apresenta significados diferentes, porém com a mesma relação. Os sistemas são diferentes, mas ambos advêm de uma relação semântica, acompanhe alguns usos desta palavra: sistema eleitoral, sistema político, sistema digestório, sistema de som, veja que todas fazem parte de um conjunto de elementos interdependentes que funciona como uma estrutura organizada e/ou funcionam juntos e mantem ligações.

Como podemos observar nas significações acima, a palavra *sistema* na primeira enunciação cabe nos casos de sistema político e eleitoral. Já para segunda enunciação, a vem a noção de sistema ligado a tecnologia, demonstrando que tipo de sistema estamos lidando na fala do enunciador. Nesse caso, o gênero gera dupla interpretação em torno da palavra *sistema* que, no contexto, tanto pode ser interpretada como o modo como a política está regendo o governo quanto o meio pelo qual deve-se fazer tal protesto, neste caso o meio tecnológico, visto que a expressão “fora do ar” se utiliza nesse meio. Observe que isto ocorre devido à relação de significados existente aqui, ambos têm suas origens ligadas, o que acontece nestes enunciados é a confusão por parte dos enunciadores. O efeito de sentido é irônico e, ao mesmo tempo humorístico, ao destacar a falta de atenção que os políticos dão aos movimentos sociais.

O ambiente desta charge faz referencia aos sistemas mencionados nos enunciados, ou seja, há uma relação de significados além do que lemos no gênero. A movimentação dos personagens, na leitura do não-verbal faz uma alusão aos protestos realizados pela população.

Charge 2



Na segunda charge, conferimos novamente a polissemia, neste caso com a entrada lexical *político*. Aqui, ela deixa de assumir o seu sentido etimológico e passa a configurar-se com um novo significado, que é o pejorativo, o de xingamento.

Notamos que apesar da palavra político estar sendo usada com um novo conceito, ela não deixa de ter ligação com o sentido usual, já que o contexto nos revela que esse uso se deu através de uma intenção de agredir o outro no momento de uma briga, e que essa ligação do político com algo desonesto, sujo, trapaceiro neste caso acaba acarretando na multiplicidade de sentidos, que também só é possível devido a uma circunstância social do país, marcada pela corrupção.

Neste enlace vemos que apesar do sentido original da palavra diferir do que temos no enunciado, a polissemia que segundo estudos, precisa ter ligação entre palavras, aqui acontece pela ligação entre elas no âmbito de contexto, da história. Ou seja, atualmente é essa significação de sujeira, trapaça e roubo que temos em cima deste léxico. Vale lembrar que, ao ser chamado de político, o ouvinte pode ou não entender como agressão e questionar o porquê do que foi dito, visto que trata-se de uma criança, ela pode ainda não ter formação social-política para sentir-se agredida, gerando a ambiguidade. Uma observação relevante aqui é o texto não-verbal na construção de sentidos do gênero analisado, uma vez que as expressões faciais e corporais nos remetem e completam todo o significado dado a palavra *político*.

Nesta charge o enfoque dado ao texto não-verbal é maior, visto que o enunciado por si só não nos traria a ambiguidade lexical através da polissemia, seria apenas mais um texto. No entanto, associados, a charge ganha uma significação mais rica, completa.

Charge 3



Na charge 3, verificamos a ambiguidade lexical através da polissemia, pois a entrada lexical *mudança*, que aparece duas vezes no enunciado está com sentido duplo. No primeiro momento, temos *mudança* (referente à fala dos políticos nas rádios e suas mudanças na campanha eleitoral e forma de governar), que nos parece significar algo mais simbólico, que não é possível de acontecer verdadeiramente. No segundo momento, temos *mudança* (referente ao ato de mudar objetos de lugar, de ser levado por alguém), sua significação é reforçada pela utilização do caminhão de mudanças, veja que a mudança escrita no automóvel, a partir disto, ganha um significado mais concreto.

É fato que o jogo de imagens mais uma vez é importante para a ambiguidade de significados nos enunciados e, novamente necessitam se faz necessário o conhecimento além do que está contido na charge. O autor poderia simplesmente complementar este discurso sem que o automóvel aparecesse, no entanto, sua intencionalidade poderia ser prejudicada. Como a palavra *mudança* e seus significados dados aqui tem uma relação semântica, sendo diferenciadas à medida que a primeira menção está para o conotativo (sentido figurado), enquanto a segunda para o denotativo (sentido literal).

Charge 4



Nesta charge, temos a presença da ambiguidade pela homonímia, a entrada lexical *caro* nos enunciados nos dá margem para mais de uma interpretação. A primeira, tendo o significado de tratamento cordial, poderia ser substituído por palavras, como *querido* ou *estimado* eleitor. Tais termos remetem as formas de tratamento. Contudo, a

segunda menção à palavra *caro* se dá com significado de alto valor monetário. A ambiguidade lexical aqui ocorre quando o político saúda, cumprimenta o telespectador, e este faz uma crítica ao salário ganho por um deputado no Brasil. O contexto em que o telespectador está inserido é diferente do primeiro, falado pelo político.

Como vimos, a homonímia consiste em palavras que possuem a mesma grafia, mas com sentidos diferentes. Como podemos notar, todas as ambiguidades apresentadas aqui são intencionais, para que assim, o chargista possa ironizar e criticar um determinado contexto sócio-político brasileiro.

Charge 5



Na charge acima, a ambiguidade lexical se dá também pela homonímia, a palavra *poupança* que contém a dupla significação, mas sem que exista relação entre esses significados etimológicos. Observe que a mulher, ao indagar o rapaz se ele trabalha no governo, já fez a indicação do primeiro sentido dado à poupança, que é o de poupar dinheiro, economizar ou referente ao local onde é posto o dinheiro.

Contudo quando o enunciado é completado pela fala do rapaz e depois da mulher novamente, além do texto não-verbal, que relata uma situação cotidiana que muitas mulheres sofrem nas conduções públicas, passamos a ter o novo sentido de *poupança*, desta vez para se referir de uma parte do corpo (as nádegas), expressão coloquial e bastante corriqueira em camadas sociais mais humildes. Podemos constatar que essa nova significação não apresenta nenhuma relação etimológica com a primeira.

Trata-se de um gíria que varia conforme o local dos falantes, cada estado, região e país têm suas próprias gírias.

Charge 6



Ao analisarmos este enunciado, podemos notar a presença de homonímia, visto que a palavra *filme* está com mais de uma significação, porém não apresentam ligação semântica entre si. O jogo de imagens e a construção do contexto são elementos usados para que ocorra a ambiguidade, observe que a palavra em destaque só é citada uma única vez, mas a figura do fotógrafo já nos revela a segunda significação sem que precise trazê-la ao texto.

O discurso da presidente refere-se a filme com base em expressões populares, gírias, ou seja, ela está mal vista por todos, a sua moral está posta em dúvidas, as pessoas não tem mais credibilidade no que ela faz ou fala. Para reforçar o enunciado, a presidente utiliza *queimado*, que juntamente com *filme*, reforça o significado semântico dado à charge. Aqui temos uma expressão popular para dizer que sua reputação está prejudicada.

Já a segunda significação advém em torno da expressão original, ou seja, temos um fotógrafo com uma câmera e sabemos que filme é um material usado por estes profissionais, e que eles queimam por algum fato concreto. Notamos que o texto não verbal, característico das charges, cumpre sua função informativa, não deixando de trazer para o gênero a crítica e o humor. A ambiguidade acontece quando temos dois contextos em um, e cabe ao leitor reconhecer os dois universos para interpretar o gênero.

A presença das imagens no gênero analisado torna-se relevante, pois é com ele que fazemos a relação de significados existentes, uma vez que a charge é produzida com o texto verbal e não-verbal. A leitura que fazemos das expressões faciais é bastante rica e traz a complementação do enunciado em analisado aqui.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a ambiguidade pode ser causada de diversas maneiras, uma delas quando o enunciador de um discurso não tem consciência de estar produzindo um texto ambíguo, gerando confusões interpretativas. Como também ao contrário, observando que a ambiguidade pode ser intencional, usada como artifício linguístico para o enriquecimento de contextos especiais, como em charges *corpus* do nosso trabalho.

Analisados seis charges, verificamos que a homonímia e a polissemia são fenômenos complexos e, ao mesmo tempo, misteriosos, na medida em que a sua compreensão e a sua delimitação não são constantes, e nem tampouco precisas, para os autores consultados. Constatamos diferentes conceitos acerca destes fenômenos e o quanto é difícil de delimitarmos uma diferenciação exata. Ambos os fenômenos estão ligados e devem ser vistos com olhar crítico.

Utilizamos o *corpus* estudado para mostrar como cada fenômeno lexical tratado funciona na prática. A partir das análises foi possível refletirmos sobre o processo de construção dos enunciados, assim como, sua interpretação e objetivo enquanto texto humorístico e crítico. O texto humorístico tem a ambiguidade por intenção, acrescentado um toque irônico aos enunciados em que é utilizado. Pode ser formulado com a intenção de enaltecer a inteligência e capacidade de raciocínio lógico do leitor de maneira descontraída, e provocar uma reflexão crítica relacionada ao humor.

ABSTRACT

Studies on Semantic of Enunciation in recent decades have been gaining more importance in the linguistic medium, as many scholars have proposed to relate the phenomenon of the enunciation with other linguistic phenomena. From the semantics of enunciation, we will discuss the lexical ambiguity, arising from polysemy and

homonymy in the genre charge. This genre, as well as their diversity (newspapers, blogs, books), is a rich source of linguistic analysis in various areas, because among its general characteristics are irony, humor and criticism. The results showed us that the ambiguity itself not only sets a problem, we have seen that depending on the intention, it is fundamental in the construction of meaning in genre of study. We base this study, among others, the authors Guimarães (2002), Marcuschi (2005), Ullmann (1964), Fiorin (2009), Bidermam (1978), Pietroforte (2007).

KEYWORDS: Semantic of Enunciation. Lexical ambiguity. Charge.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- _____. **Polissemia versus Homonímia**. Anais do Seminário do Gel, XXXVIII, Franca: UniFran - União das Faculdades Francanas, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CARVALHO, N. de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CUMPRI, M. L. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem: uma proposta linguístico-educacional**. Tese de doutorado. Faculdade Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- DIAS DA SILVA, B. C. **A Face Tecnológica dos Estudos da Linguagem: o processamento automático das línguas naturais**. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.
- DIAS, L. F. **Enunciação e regularidade sintática**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 50, v. 2, 2009 (no prelo).
- DUCROT, O. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988a.
- FIORIN, J. L. **Introdução à linguística, II. Princípios de análise**. 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher; (orgs) *Gêneros Textuais e Ensino*. Recife: UFPE, 2005, p.19-33.

MOUCO, M. A. T. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>. Acesso em: 16 abr.2016.

OLIVAN, K. N. **A semântica e o ensino da Língua Portuguesa**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/10038>. Acesso em: 20 mar. 2016. Acesso em: 13 mar. 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PIETROFORTE, A.V. S; LOPES, I. C. **A Semântica Lexical**. In.: Fiorin, J. L. (Org). *Introdução à linguística II: princípios e análise*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

REHFELDT, G. K. **Polissemia e Campo Semântico – estudo aplicado aos verbos de movimento**. URGs/FAPA/FAPCCA, 1980.

ROMUALDO, C. E. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANDMANN, A. J. 1990. **Polissemia e Homonímia**. In: M. H. de M. Neves. *Descrição do Português*. Publicação do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano IV – Nº. 1. UNESP – Campus de Araraquara.

TEIXEIRA, M. C. **O gênero jornalístico charge no letramento escolar**. Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. v. 12. n. 19. p. 89-107, 2010.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osorio Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.